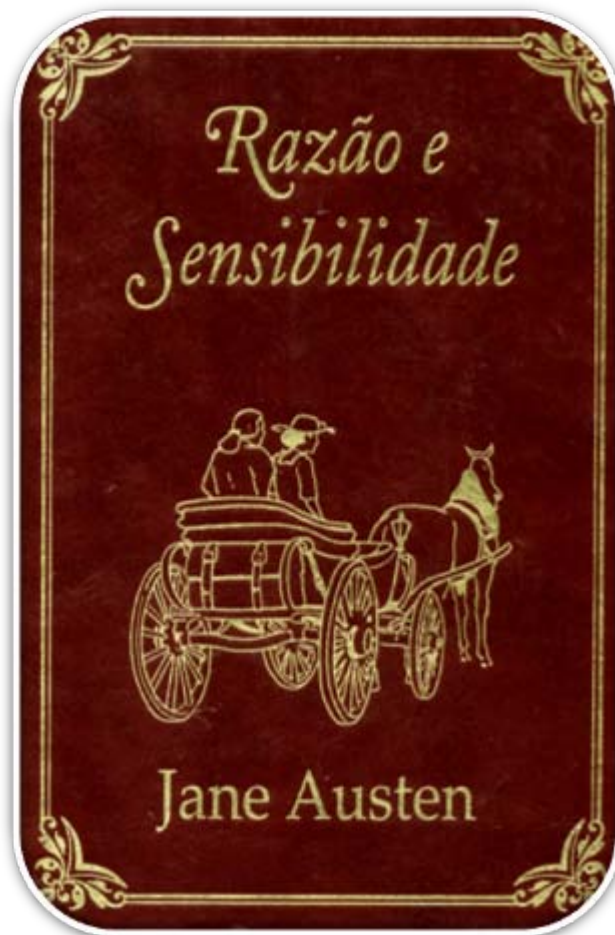


# Jane Austen

## *Razão e Sensibilidade*

Sense and Sensibility



*Depois da morte do pai, as irmãs Marianne e Elinor Dashwood perdem toda a herança para um meio-irmão. Sem dote, têm poucas chances de fazer um bom casamento. Marianne (a sensibilidade) apaixona-se à primeira vista por um homem que não é tão leal quanto imagina. Elinor (a razão) gosta de alguém com quem não pode se casar.*

Disponibilização: Toca da Coruja

Formatação: Gisa

## CAPÍTULO I

A família dos Dashwood vivia havia muito tempo em Sussex. A propriedade deles era grande e a residência situava-se em Norland Park, no centro de suas terras, onde por muitas gerações haviam vivido de maneira tão respeitável que tinham conquistado um bom conceito entre todos os vizinhos das redondezas. O proprietário anterior era um senhor solteiro que alcançou idade bem avançada e teve em sua irmã uma dedicada companheira e governanta durante muitos longos anos de sua vida. Mas a morte dela, que aconteceu dez anos antes da dele, acarretou uma grande alteração na casa; para preencher o vazio deixado pela irmã, o velho cavalheiro convidou para morar com ele a família de seu sobrinho, o sr. Henry Dashwood, herdeiro legal da propriedade de Norland e para quem ele pretendia deixar seus bens, de qualquer maneira. Em companhia do sobrinho, da sobrinha e suas filhas, os dias do velho cavalheiro foram passando confortavelmente e o apego que se estabeleceu entre eles foi crescendo. A constante atenção aos seus desejos por parte do sr. e da sra. Dashwood, que agiam não por mero interesse, mas sim por serem donos de corações bondosos, ofereceu ao idoso senhor o mais sólido conforto que alguém com sua idade poderia receber e a alegria das jovens acrescentou encanto à existência dele.

O sr. Henry Dashwood tinha um filho de seu primeiro casamento e três filhas da atual esposa. O filho, um inflexível e respeitável jovem senhor, contava com sólido amparo na herança deixada por sua mãe, uma enorme fortuna da qual recebera a metade quando alcançara a maioridade. Essa fortuna aumentara muito pelo casamento, que ocorrera pouco depois. Portanto, receber Norland como herança não era tão importante para ele quanto seria para suas irmãs, uma vez que as posses delas eram pequenas, sem contar com o que poderiam ter, caso seu pai herdasse a propriedade. A mãe delas nada possuía e o pai tinha apenas setecentas libras à disposição. A fortuna da primeira esposa fora destinada a passar diretamente para o filho, tendo o marido apenas direito ao usufruto.

O velho cavalheiro morreu; ao ser lido, seu testamento causou decepções e alegrias, como todos os testamentos. O velho cavalheiro não foi injusto, nem mal-agradecido; deixou a propriedade ao sobrinho, porém o fez em termos tais que anulou metade do valor da herança. O sr. Dashwood queria herdar a propriedade mais para a segurança da atual esposa e das filhas do que para si e o filho. A propriedade ficou assegurada sim, só que para seu filho e o filho dele, seu neto de quatro anos, de um modo que não lhe oferecia nenhuma possibilidade de vir a deixá-la como herança para as quatro mulheres que lhe eram caras e nem lhe dava o direito de vender parte da excelente madeira que suas terras produziam para entregar o dinheiro a elas. A propriedade inteira e sua produção, qualquer que fosse, encontrava-se vinculada em benefício do neto do sr. Dashwood, que, durante ocasionais visitas feitas a Norland em companhia do pai e da mãe, ganhara a afeição do idoso tio. Isso não é difícil para uma criança encantadora, de dois ou três anos; o modo de falar engraçado, a audácia e o encantamento de ter o mundo inteiro a descobrir, as travessuras marotas, deliciosas, e a enorme tendência a fazer barulho sobrepuseram-se ao valor de todas as atenções que o velho proprietário havia recebido durante anos da sobrinha e das filhas dela. No entanto, ele procurou não ser injusto e deixou mil libras para cada uma.

Em princípio, a decepção do sr. Dashwood foi enorme; mas seu temperamento era alegre e corajoso, tinha a razoável esperança de viver ainda por muitos anos e, econômico como era, de ter tempo para trabalhar e ganhar algum dinheiro a fim de aumentar o dote das filhas. Mas a sorte, que tardara tanto a chegar para ele, durou apenas um ano, tempo esse que sobreviveu ao tio. Tudo que restou à viúva e às filhas perfazia dez mil libras, incluindo o que elas haviam recebido por herança.

O filho do sr. Dashwood foi chamado com urgência assim que ficou evidente a iminência do apagar-se de sua vida e ele recomendou-lhe, com todo o ímpeto e calor que o estado terminal lhe permitia, que cuidasse da madrasta e das meio-irmãs. O sr. John Dashwood não alimentava fortes sentimentos por essa parte da família, mas se sentiu tocado pelo pedido de tal natureza em um momento tão solene e prometeu fazer tudo que estivesse ao seu alcance para ampará-las. Diante da promessa, o pai entregou-se ao inevitável sem resistência e o sr. John Dashwood teve tempo de verificar prudentemente o que estava ao seu alcance para ajudar as quatro mulheres.

Ele não era uma pessoa ruim, a não ser que se considere ruim um homem de coração um tanto duro, de natureza um tanto egoísta. Mas de modo geral, era bem considerado, uma vez que cumpria com seus deveres normais de maneira irrepreensível. Caso se houvesse casado com uma mulher agradável, com certeza teria se tornado ainda mais respeitável do que era - poderia até mesmo ter se transformado também em um homem agradável, uma vez que se casara muito jovem e muito apaixonado pela esposa. No entanto, a sra. John Dashwood era uma acentuada caricatura de si mesma, com mentalidade muito mesquinha e egoísta.

Ao fazer a promessa para o pai, ele se determinara a aumentar a herança das irmãs, que no momento era de mil libras para cada uma. De fato, pretendia ser imparcial nesse ponto. A perspectiva de um acréscimo de quatro mil libras por ano na sua renda, além do que recebia da metade da fortuna deixada pela mãe, aquecia-lhe o coração e o fazia sentir-se capaz de ser generoso. Sim, daria as três mil libras para elas: seria um gesto liberal e lindo! Devia ser o suficiente para que ficassem bem. Três mil libras!... Poderia recuperar essa soma considerável com poucos inconvenientes, apenas economizando. Ele pensou nisso naquele dia, depois nos dias que se seguiram e não se arrependeu.

Nem bem encerrou-se o funeral de seu pai, a sra. John Dashwood chegou com o filho e empregados, sem dar o menor aviso à sogra. Ninguém contestava o direito dela de ir para Norland, pois a casa passara a ser de seu marido no momento em que o pai dele falecera, mas a grosseria dessa atitude era enorme e para uma mulher na situação da sra. Dashwood, pessoa de sentimentos delicados, deve ter sido altamente desagradável. Esta senhora tinha tão perfeito senso de honra e era de uma generosidade tão romântica que uma ofensa dessa espécie feita ou recebida por qualquer pessoa causava-lhe um incontrolável desgosto. A sra. John Dashwood jamais fora benquista por alguém da família do marido, contudo, até aquele momento, ela ainda não tivera oportunidade para demonstrar-lhes o pouco caso que era capaz de fazer do bem-estar e conforto das demais pessoas quando dependessem dela.

A sra. Dashwood foi atingida de modo tão profundo por essa atitude rude e sentiu tal desprezo pela nora, devido ao seu modo mal-educado de agir, que teria saído da casa no momento em que ela entrara, se sua filha mais velha não a convencesse a pensar com cuidado

antes de ir embora. Pelo bem das filhas, as quais amava com ternura, a senhora decidiu ficar e evitar uma ruptura com o irmão delas.

Elinor, a filha mais velha cujo conselho fora tão acertado, tinha um poder de compreensão e uma firmeza de julgamento que a haviam tornado, apesar de ter apenas dezenove anos, conselheira da mãe e a qualificavam para contrabalançar, em proveito das quatro, a ligeireza de raciocínio da sra. Dashwood, que comumente a levava a cometer imprudências. A srta. Dashwood tinha excelente coração - era afetuosa e de sentimentos fortes, mas sabia como controlá-los. Esta era uma sabedoria que a mãe dela ainda estava por adquirir e que nenhuma de suas duas irmãs se mostrava interessada em aprender.

As habilidades de Marianne eram, em alguns aspectos, quase iguais às de Elinor. Era sensível e inteligente, mas descontrolada: suas tristezas e suas alegrias eram intensas e sem a menor moderação; generosa, amável e atenciosa, ela era tudo, menos prudente. A semelhança física entre Marianne e a irmã impressionava.

Elinor via com grande consternação o excesso de sensibilidade da irmã, porém a sra. Dashwood valorizava e estimulava esse traço de caráter. Ambas se encorajavam quer na violência, quer na aflição. A agonia de um desgosto, que as subjugava em princípio, era em seguida renovada por vontade própria, alimentada, recriada uma vez, outra e mais outra.

Assim, entregaram-se inteiramente à tristeza, procurando aumentar a infelicidade com qualquer elemento que servisse para isso e determinaram-se a não admitir nenhuma espécie de consolo no futuro. Elinor também se afligiu com a situação, porém se mantinha disposta a lutar e a dar ânimo a si mesma. Conseguiu comunicar-se com o irmão, foi capaz de receber a cunhada quando ela chegou à propriedade e de tratá-la com a devida atenção; soube fazer com que a mãe agisse da mesma forma e encorajou a irmã a comportar-se de maneira bem-educada.

Margaret, a irmã mais nova, era uma menina saudável e bem-humorada; mas como já absorvera uma boa quantidade do romantismo de Marianne, sem ter absorvido também sua razão, aos treze anos não prometia igualar-se às irmãs em um período mais adiantado de sua vida.

## CAPÍTULO II

A sra. John Dashwood atribuiu-se o título de senhora de Norland relegando a sogra e as cunhadas à condição de hóspedes. Assim sendo, as quatro eram tratadas pela anfitriã com tranqüila civilidade e pelo marido dela com toda a bondade que ele era capaz de sentir por qualquer pessoa que não fosse ele próprio, sua esposa e o filho. Até mesmo as incentivava, com alguma sinceridade, a considerar Norland sua casa. Como não havia nenhuma outra escolha além de permanecer ali até ter possibilidade de mudar-se com as filhas para uma casa nos arredores, a sra. Dashwood aceitou o convite.

Permanecer em um lugar onde tudo lhe recordava os bons momentos do passado combinava perfeitamente com seu modo de ser. Em momentos de alegria, ninguém poderia ficar mais alegre do que ela ou ter, em grande escala, aquela otimista predisposição para a expectativa da felicidade, que é a própria felicidade. Mas na tristeza, ela também se deixava levar pela imaginação para muito além do consolo, do mesmo modo que na alegria deixava-se levar para

além da discrição.

A sra. John Dashwood não aprovou, de modo algum, o que o marido pretendia fazer pelas irmãs. Tirar três mil libras da herança do seu pequeno e querido filho seria empobrecê-lo da maneira mais cruel e terrível. Implorou que ele pensasse bem no que iria fazer. Como poderia permitir a si mesmo roubar tão alta soma de seu filho, seu único filho? E uma vez que as srtas. Dashwood eram parentes apenas por meia consangüinidade - o que a sra. John Dashwood não considerava parentesco algum-, como se atreviam a exigir tanto dinheiro da generosidade dele? Era sabido por todos que não podia haver afeição entre os filhos de um homem nascidos em diferentes casamentos; então, por que ele teria de se arruinar e arruinar o pobrezinho do Harry jogando fora todo aquele dinheiro por causa de três meio-irmãs?

- Porque o último pedido de meu pai - respondeu o marido - foi que eu amparasse sua viúva e filhas.

- Ele não sabia o que estava dizendo! Posso apostar dez contra um que ele estava fora de juízo naquele momento. Se estivesse sob o domínio da razão, não pensaria nem sequer em pedir a você para dar aos outros metade da fortuna do seu próprio filho.

- Ele não estipulou soma alguma, minha querida Fanny. Apenas me pediu, em termos gerais, que as amparasse e tornasse a situação delas mais confortável do que ele poderia tornar. Talvez teria sido melhor se deixasse tudo por minha conta; afinal, dificilmente ele poderia pensar que eu as negligenciaria. De qualquer modo, fiz a promessa e ela tem de ser cumprida. Algo deve ser feito por elas, mesmo que deixem Norland para ir morar em outra casa.

- Bem, então vamos fazer alguma coisa por elas; mas essa alguma coisa não precisa ser três mil libras. Pense - acrescentou ela - que quando o dinheiro vai embora, não pode mais voltar. Suas irmãs irão se casar e o dinheiro irá embora para sempre. Se ele pudesse ser devolvido ao nosso pobre menininho...

- Com certeza - concordou o marido, muito sério, - isso faria uma grande diferença. Pode chegar o momento em que Harry lamente que tão grande soma tenha sido tirada dele. Se ele vier a ter uma família numerosa, por exemplo, esse dinheiro será muito conveniente.

- Com certeza será.

- Então, quem sabe é melhor para todos que essa soma seja reduzida à metade. Quinhentas libras significaria um aumento prodigioso da fortuna delas!

- Oh, é mais do que muito bom! Que irmão neste mundo daria metade disso às irmãs, mesmo que fossem irmãs verdadeiras? E, neste caso, há apenas meia consangüinidade, mas você tem um espírito tão generoso!

- Não quero fazer nada mesquinho - replicou ele. - Nessas ocasiões, deve-se fazer o muito, jamais o pouco. Ninguém, afinal, poderá pensar que não fiz muito por minhas irmãs e dificilmente elas poderiam esperar que eu fizesse mais. - Não é o caso de saber o que elas esperam - ponderou a senhora -, não temos que pensar nas expectativas delas. A questão é o que você pode lhes dar.

- De fato... E eu creio que posso dar quinhentas libras para cada uma. De qualquer maneira, mesmo que eu nada dê a elas, quando a mãe morrer, cada uma irá receber mais de três mil libras... É uma fortuna considerável para qualquer moça.

- Claro que é! Aliás, parece-me que elas não podem querer mais do que isso. Vão ter dez mil

libras divididas entre as três. Caso venham a casar-se, muito bem; se não, poderão levar uma vida bastante confortável com os juros dessas dez mil libras.

- É verdade. Em conseqüência, não sei se deveria, diante desse conjunto de coisas, fazer algo pela mãe delas enquanto ela for viva... Dar-lhe uma espécie de anuidade, quero dizer. Isso seria tão bom para minhas irmãs quanto para a mãe. Cem libras por ano as faria sentir-se bastante confortáveis.

No entanto, a esposa dele hesitou em aprovar esse plano. - Sem nenhuma dúvida - ponderou ela -, é melhor do que dar cento e cinqüenta libras de uma vez. Mas se a sra. Dashwood viver mais quinze anos, nós ficaremos muito prejudicados.

- Quinze anos! Minha querida Fanny, a vida dela não vai se estender nem pela metade desse tempo!

- É claro que não. Mas se você observar, bem verá que as pessoas vivem para sempre quando recebem uma anuidade. Ela é muito rija, saudável e mal chegou aos quarenta. Uma anuidade é algo muito sério: repete-se a cada ano e não há modo de livrar-se dela. Você não pensou direito no que vai fazer. Tenho uma longa experiência com problemas de anuidades, pois minha mãe ficou amarrada ao pagamento de três anuidades a antigos empregados aposentados por velhice, exigidas pelo testamento de meu pai, e é impressionante quanto isso a prejudicou. Era preciso pagar essas anuidades em duas vezes, todos os anos; havia também a grande dificuldade de levar as anuidades para eles. De vez em quando corria a notícia de que um deles havia morrido, depois não era verdade... Minha mãe ficou doente com essa incerteza. Seus rendimentos não eram dela, dizia, com essas perpétuas despesas. E isso aconteceu por falta de previsão de meu pai porque, se assim não fosse, o dinheiro estaria todo à disposição de minha mãe, sem nenhum tipo de restrição. Isto me causou uma aversão profunda a anuidades e não pretendo ser obrigada a fazer pagamentos anuais a pessoa alguma no mundo.

- De fato, é uma circunstância muito desagradável - concordou o sr. Dashwood - ter esse tipo de diminuição anual nos rendimentos. A riqueza de uma pessoa, como sua mãe diz com muita justeza, não é apenas dela. Estar obrigado ao pagamento regular de uma determinada soma, sobre a renda de cada dia, não é coisa que se possa querer: tira toda a independência de uma pessoa.

- De fato, é isso mesmo. E no fim não se recebe agradecimento algum. Eles sentem-se seguros achando que você não faz mais do que a sua obrigação, o que não os faz sentir a menor gratidão. Se eu fosse você, pensaria com a maior prudência no que quer que resolva fazer e não me comprometeria a dar-lhes coisa alguma anualmente. Se assim fizer, poderá ter pela frente um número inconveniente de anos com a obrigação de arcar com o prejuízo de cem ou mesmo de cinqüenta libras.

- Creio que você tem razão, meu amor. No caso, é melhor que não haja nenhuma anuidade. Qualquer quantia que eu dê a elas de vez em quando será uma ajuda melhor do que um subsídio anual, porque poderão vir a exagerar seu estilo de vida, caso se sintam seguras com um alto recebimento e não ficariam nem mesmo meio xelim mais ricas a cada ano. Realmente, esta deve ser a melhor solução: cinqüenta libras de vez em quando evitarão que se aflijam por dinheiro e irão, eu acho, cumprir de forma ampla a promessa que fiz a meu pai.

- Pode ficar certo que sim. Aliás, para dizer a verdade, tenho a convicção de que seu pai não

pretendia, de maneira alguma, que você lhes desse dinheiro. O amparo a que ele se referiu, atrevo-me a dizer, deve significar apenas atitudes razoáveis que possam ser esperadas de você. Por exemplo, procurar uma pequena e confortável casa para elas, ajudá-las na mudança para lá e enviar-lhes presentes de caça, pesca e produtos da estação de vez em quando. Aposto a minha vida que ele não se referia a nada mais do que isso. Na verdade, seria muito estranho se o fizesse. Considere, meu caro sr. Dashwood, o exagerado conforto em que sua madrastra e meio-irmãs iriam viver com os juros de sete mil libras, além das mil que pertencem a cada uma das moças, que rendem cinquenta libras por ano a cada uma! É claro, irão pagar uma pensão para a mãe por cuidar delas. No total, terão quinhentas libras por ano, e o que quatro mulheres podem querer mais do que isso? Elas levam um tipo de vida tão frugal! Seus gastos domésticos serão muito baixos, pois não têm carruagens, cavalos e é difícil que venham a ter criadagem; não receberão visitas e, portanto, não arcarão com nenhum tipo de despesa! Pense apenas na vida confortável que vão levar! Quinhentas libras por ano! Tenho certeza de que serei incapaz de imaginar como irão gastar metade desse dinheiro; portanto, é um absurdo você pensar em dar-lhes mais. Ao contrário, o lógico seria que elas dessem dinheiro a você!

- Palavra - disse o sr. Dashwood -, creio que você tem absoluta razão. Certamente, quando pediu que eu cuidasse delas, meu pai se referia ao que você acaba de me dizer. Agora compreendo isso com clareza e vou cumprir minha obrigação através dos atos de assistência e bondade que você descreveu. Quando minha madrastra mudar para outra casa, vou empenhar esforços para ajudá-la a acomodar-se o melhor possível. Então, poderei pensar em dar-lhe algum pequeno presente, móveis...

- Evidente que sim - retornou a sra. Dashwood. - Entretanto, é preciso considerar uma coisa. Quando seu pai e sua mãe mudaram-se para Norland, lembre-se, os móveis de Stanhill foram vendidos, toda a porcelana, prataria, roupas de cama e mesa vieram para cá e ficaram com a sua madrastra. A casa já estava provida de todos os móveis quando ela entrou aqui.

- Eis aí uma observação muito acertada, sem dúvida. Uma herança valiosa, é indiscutível. Um pouco dessa prataria seria um bem-vindo acréscimo à que temos.

- Sim. E o aparelho de café de porcelana chinesa fica duas vezes mais bonito se usado nesta casa. Ele é lindo demais, na minha opinião, para qualquer casa em que elas possam ir morar. No entanto, paciência. Seu pai pensou apenas nelas. Deste modo, vejo-me obrigada a dizer isto: você não deve nenhuma gratidão especial nem atenção alguma aos desejos dele, pois sabemos perfeitamente que, se ele pudesse, teria deixado tudo no mundo para elas.

Esse argumento era irresistível e alterou as intenções de John Dashwood, fosse qual fosse a decisão que havia tomado antes. Afinal, ele resolveu que seria desnecessário do modo mais absoluto, se não altamente indecoroso, tomar em relação à viúva e às filhas de seu pai mais do que as atitudes que um bom vizinho tomaria, como sua esposa o fizera notar.

### CAPÍTULO III

A sra. Dashwood permaneceu em Norland por vários meses, sem nenhuma inclinação para mudar-se dali, até que um simples olhar para lugares bem conhecidos foi aumentando a profunda

emoção que vinha sentindo até então. Quando sua alma começou a reviver e sua mente tornou-se capaz de outras atividades além de fortalecer a aflição que sentia com recordações melancólicas, ela tornou-se impaciente por ir embora e demonstrou-se infatigável na busca de uma acomodação adequada nas proximidades de Norland, uma vez que lhe era impossível ir para longe dessas amadas paragens. Como não conseguia aceitar situações que não correspondessem as suas noções de conforto e bem-estar, aceitava a prudência da filha mais velha, cujo julgamento severo recusou várias casas muito acima das posses delas que a mãe, no entanto, teria aprovado.

Antes de morrer, o marido informara a sra. Dashwood da solene promessa que o filho fizera em relação a elas e que o confortara nas suas últimas reflexões terrenas. Ela não duvidou da sinceridade dessa promessa, do mesmo modo que seu marido não duvidara, e considerou-a com satisfação, se bem que pessoalmente estivesse convencida de que uma provisão muito menor do que 7.000 libras seria mais do que suficiente para sustentá-las. Para o bem do irmão de suas filhas e de seu próprio coração, regozijou-se e censurou-se por ter sido injusta em relação a ele ao julgá-lo incapaz de ser generoso. O comportamento atencioso do sr. John em relação a ela e às irmãs convenceram-na de que ele se preocupava com o bem-estar delas e durante muito tempo a sra. Dashwood confiou com firmeza na liberalidade das suas intenções.

O desdém que havia sentido pela nora a partir do instante em que a conhecera fora aumentando muito com o aprofundar do conhecimento do caráter dela, o que lhe foi proporcionado por meio ano de convivência sob o mesmo teto. Talvez, apesar de toda consideração, da polidez ou afeição maternal que se esforçava por demonstrar em relação a ela, as duas senhoras provavelmente achavam difícil acreditar que já vinham morando juntas havia tanto tempo e essa situação iria prolongar-se se não houvesse ocorrido um incidente especial que diminuiu a possibilidade, segundo a sra. Dashwood, da permanência de suas filhas em Norland.

Esta circunstância foi ocasionada pelo crescente apego entre sua filha mais velha e o irmão da sra. John Dashwood, um jovem cavalheiro agradável que haviam conhecido logo depois que a irmã se estabelecera em Norland e que desde então passava boa parte do tempo lá.

Algumas mães teriam encorajado essa intimidade por motivos de interesse, pois Edward Ferrars era o filho mais velho de um homem que morrera muito rico; outras a teriam res tringido por motivos de prudência, pois, a não ser por uma soma insignificante, o total da fortuna dele dependia do testamento da mãe. Mas a sra. Dashwood não se deixava influenciar, na verdade, por nenhuma das duas considerações. Era suficiente para ela que ele fosse um cavalheiro gentil, que amasse sua filha e que Elinor retribuísse esse afeto. Era contrário ao seu modo de pensar crer que uma diferença de bens tinha poder bastante para separar qualquer casal que se sentisse atraído pela semelhança de sentimentos e era impossível para ela conceber que os méritos de Elinor não fossem reconhecidos por qualquer pessoa que a conhecesse.

Edward Ferrars não tinha a recomendação da boa opinião e nem de elogios de pessoas importantes. Não era bonito e só com um relacionamento mais profundo podia-se apreciá-lo e gostar dele por suas boas maneiras. Ele próprio não era capaz de fazer justiça a si mesmo; mas depois que conseguia dominar a timidez, seu modo de agir demonstrava que tinha um coração aberto e afetuoso, que era inteligente e possuía uma educação que lhe garantiria um sólido desenvolvimento. Mas não apresentava a menor habilidade nem disposição para corresponder aos



desejos tanto de sua mãe quanto de sua irmã, que sonhavam vê-lo tornar-se notável e importante por... Nem mesmo elas sabiam por quê. Queriam que ele tivesse destaque no mundo, de um jeito ou de outro. A mãe gostaria que ele se interessasse por política, que ingressasse no Parlamento ou, pelo menos, que se ligasse a algum dos grandes homens do momento. A sra. John Dashwood queria a mesma coisa, porém, no meio tempo, se algumas dessas bênçãos superiores não pudessem ser recebidas, sua ambição se aplacaria um pouco se visse o irmão dirigindo uma caleche. Mas Edward não dava importância para grandes homens ou caleches. Toda sua aspiração centrava-se em conforto doméstico e em uma vida particular tranqüila. Felizmente, ele tinha um irmão mais novo que era bastante prometededor. Edward já passara várias semanas em Norland antes de chamar a atenção da sra. Dashwood porque nessa época ela se achava imersa em uma aflição tão grande que a impedia de perceber o que a rodeava. Reparara apenas que era um cavalheiro calmo, discreto e gostara dele por isso. o sr. Ferrars não perturbava a infelicidade que preenchia a mente e alma dela insistindo com conversas fúteis. Foi levada a observá-lo melhor e avaliá-lo por uma consideração que Elinor fez um dia sobre a diferença que havia entre ele e a irmã. Esse contraste tornou-se a melhor recomendação dele aos olhos da mãe de Elinor.

- Basta dizer que o sr. Ferrars é diferente de Fanny - disse ela -, o que implica qualidades agradáveis que já me fazem amá-lo.

- Creio que a senhora vai gostar dele - afirmou Elinor - quando o conhecer melhor.

- Gostar dele! - replicou a mãe, com um sorriso. - Não consigo ter sentimentos de aprovação inferiores ao amor.

- Pode estimá-lo.

- Até agora não descobri qual é a diferença entre estima e amor.

Daí por diante a sra. Dashwood passou a se esforçar para conhecê-lo melhor. As atitudes dela tornaram-se amigáveis e logo baniram a reserva a respeito de Edward Ferrars. Rapidamente compreendeu todos os méritos do rapaz; talvez a admiração de Elinor em relação a ele ajudaram-na a compreendê-los. Mas, na verdade, sentiu-se de fato segura do valor dele quando soube que o coração de Edward era cálido e seu caráter, meigo; então, não o desmereceu nem mesmo aquela tranqüilidade de maneiras que ia ao encontro a todas as suas idéias estabelecidas de como um jovem cavalheiro deve ser.

Assim que percebeu o mínimo sintoma de amor na atitude dele em relação a Elinor, considerou o relacionamento deles como certo; assim que isso se deu, olhou muito adiante e viu o casamento como o mais imediato acontecimento a seguir.

- Em poucos meses, minha querida Marianne - disse ela -, é provável que Elinor esteja amparada para a vida toda. Vamos sentir sua falta, mas ela será Feliz.

- Oh, mamã! Como faremos sem ela?

- Meu amor, não será exatamente uma separação. Vamos morar a poucos quilômetros dela e nos veremos em todos os dias das nossas vidas. Vocês ganharão um irmão, um verdadeiro e afeiçoado irmão. Tenho a mais elevada opinião do mundo sobre o coração de Edward. Mas você ficou triste, Marianne; reprova a escolha da sua irmã?

- Talvez - confessou Marianne - eu tenha recebido essa notícia com alguma surpresa. Edward é muito querido e eu o amo Com ternura. No entanto... ele não é o tipo do jovem... Há alguma

coisa que lhe falta... Sua aparência não é impressionante; ele não tem aquele encanto que eu esperava no homem destinado a ligar-se seriamente a minha irmã. Falta em seus olhos todo aquele espírito, aquele fogo que ao mesmo tempo revela virtude e inteligência. E, além de tudo isto, tenho medo, mamã, que ele não tenha bom gosto. A música parece exercer pouca atração sobre Edward e, se bem que ele admire muito os desenhos de Elinor, não se trata da admiração de uma pessoa que pode entender seu valor. É evidente que, na verdade, ele não entende nada do assunto, apesar da constante atenção que lhe dá enquanto ela desenha. Edward a admira como quem ama, não como um connoisseur. Para me satisfazer, estas qualidades precisam estar juntas. Eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincidissem com o meu em todos os pontos; ele precisará participar dos meus sentimentos; os mesmos livros e as mesmas músicas deverão encantar a nós dois. Oh, mamã, como foi sem vida a leitura que Edward fez para nós na noite anterior! Sinto muito por minha irmã. Mesmo que ela tenha se aborrecido com tanta austeridade, não deu demonstrações de notá-la. Mas eu mal podia ficar quieta em minha cadeira. Ouvir aquelas lindas frases que sempre me deixam transtornada de emoção ditas com tão impenetrável calma, com tão assustadora indiferença!...

- Com certeza ele aprecia mais uma prosa simples e elegante. Pensei nisso, também, naquele momento. Vocês deveriam dar-lhe Cowper.

- Não, mamã! E se ele não se animar nem mesmo com Cowper? Mas devemos reconhecer que há gostos diferentes. Elinor não reage da mesma maneira que eu e, portanto, na certa ela irá passar por cima disso e ser feliz com ele. Mas o meu coração se partiria se eu o amasse e o ouvisse ler com tão pouca sensibilidade. Mamã, quanto mais conheço o mundo, mais me convenço de que nunca encontrarei um homem a quem possa de fato amar. Eu exijo tanto! Ele deveria ter todas as virtudes de Edward, porém a personalidade e as atitudes teriam de ornamentar sua bondade com todos os demais e possíveis encantos.

- Lembre-se, meu amor, que você tem apenas dezessete anos. Ainda é cedo para desistir de encontrar a felicidade. Por que você teria de ter menos sorte do que sua mãe? Em apenas uma circunstância, minha Marianne, o seu destino deveria ser diferente do dela!

#### CAPÍTULO IV

- É uma pena, Elinor - disse Marianne -, que Edward não tenha gosto por desenho.

- Edward não tem gosto por desenho? - surpreendeu-se Elinor. - Por que você pensa assim? Ele não desenha, é verdade, mas sente grande prazer em admirar o trabalho dos outros

e garanto que não lhe falta bom gosto natural, apesar de não ter muitas oportunidades para demonstrá-lo. Se tivesse tido possibilidade de aprender, penso que desenharia muito bem. Acontece que ele não confia no próprio julgamento a respeito dessa arte a tal ponto que sempre se recusa a dar opinião sobre qualquer quadro, mas possui um bom gosto profundo e natural que dirige perfeitamente sua avaliação.

Marianne ficou com medo de ofendê-la e não falou mais no assunto; no entanto, o tipo de capacidade para avaliar os desenhos de outras pessoas que Elinor garantia com tanta animação que existia em Edward ficava muito distante daquele arrebatador entusiasmo que, na opinião de

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

